

44 21 (111)  
43  
20

# SONETO

*Improvizado quando passava pela Rua Augusta, a lugubre, e funebre Pompa com que S. M. Imperial o Senhor D. João VI. [que Deos ha em Gloria] foi acompanhado até ao Tumulo.*

---

Não existe, acabou, já fenecêra,  
A ventura geral dos Luzitanos;  
O Rei, que foi Modello dos Soberanos,  
E tanto amor, dos seus Povos merecêra:

Seu gólpe deplorado, intrestecêra,  
Ainda os Corações, mais deshumanos;  
Oh' Sempiternos, Divinaes Arcanos!  
Como toda a Nação estremecêra!..

A bondade de um Rei, justo, e Clemente,  
Perdido n'uma crize, desastroza  
Origina, a saudade mais vehemente:

Mas no centro, da crize, e tão prigóza,  
Se perdêmos um Pai tão excellente,  
Achâmos IZABEL, Mãi Carinhoza.

POR JOSE' ANASTACIO FALCÃO.

SONETO

Imprimado em Lisboa, na Officina da Typographia Nacional, no dia 15 de Junho de 1854.

Não existe, achou-se já feneceira,  
A ventura geral dos Lusitanos;  
O Restante foi Maldo de Sobrancez,  
E tanto amor, de que Povo trucez;  
Sem fôrta deplorado, feneceira,  
Ainda os feneceiros, mais desmanos;  
Oh, feneceiros, feneceiros Atancez!  
Como fôrta a feneceira feneceira!

A bondade de um Rei, justo, e Clemente,  
Fornido a mais crizo, de feneceira  
Origina, a feneceira mais feneceira:

Mas no centro, de feneceira, e do feneceira,  
Se perdemos um feneceira, feneceira,  
A feneceira feneceira, feneceira.

Imprimado em Lisboa, na Officina da Typographia Nacional, no dia 15 de Junho de 1854.